

## Apresentação

Dossiê temático: *Linguagem, rumor, poder*

Os acontecimentos da última década, ao redor do mundo, nos trouxeram o retorno a configurações sociais e políticas que muitos já acreditavam devidamente combatidas e satisfatoriamente afastadas do cotidiano das decisões nas democracias contemporâneas. Os fatos hoje mostram que, embora afastadas, crenças e práticas discriminatórias não estavam banidas, mas em estado de brasa encoberta, que agora se convertem em incêndios cada vez mais devastadores.

Um tal “retorno do recalçado” merece uma análise atenta, assim como os discursos que nos possibilitaram, a partir da segunda metade do século XX, criticar e desconstruir arbitrariedades potencialmente perigosas. Em meio a esses discursos, a obra de Roland Barthes permanece com vigor, uma vez que, após o seu conhecido investimento na moda estruturalista e na busca de uma semiologia dos sistemas culturais, fortaleceu seu posicionamento crítico no combate à doxa e à arrogância com que ela se impõe, através de uma atitude pessoal avessa aos militanismos, aos estereótipos e à grandiloquência. Ao contrário, sua preferência pela escritura fragmentária chega a impressionar em um discurso crítico, assim como sua busca obsessiva pelo neutro, ponto inatingível entrevisto nas brechas das linguagens com que lidava em seus textos, como a Canaã que Moisés jamais pisaria.

Vinte anos após alcançar uma grande notoriedade com *Mitologias*, livro no qual desvela as várias facetas da cultura francesa dos anos 1950, em 1977, ele lança os *Fragmentos de um discurso amoroso*, que, em plena hegemonia da psicanálise, nos anos libertários pós Maio de 1968, retomavam um discurso esquecido e solitário, que não deixava de dizer respeito às subjetividades de então. Esses dois livros, por tratarem de práticas de linguagem (“o mito é uma fala”) centradas na análise social, no primeiro caso, e nas figuras que perpassam o discurso amoroso dos indivíduos, no segundo, não atingiram por acaso o enorme sucesso que tiveram. São livros que permanecem dizendo algo do autor, evidentemente, mas também das sociedades, a despeito das marcas espaciais e temporais, e dos sujeitos. São livros que permitem, sem que se busque uma adesão ou a formação de uma “escola barthesiana”, não só a crítica, mas a avaliação dessa crítica.

Em um prefácio a uma das reedições de *Mitologias*, Barthes diz: “Se a alienação da sociedade ainda obriga a desmistificar as linguagens (e particularmente a dos mitos), o caminho desse combate não é, já não é, a decifração crítica, é a avaliação.” (BARTHES, 1984, p. 79). E ele completa, nesse texto dos anos 1970, num direcionamento que vai da semiologia às análises de discurso, dizendo que

[...] não mais apenas mitos, hoje são idioletos que é preciso distinguir, descrever; às mitologias sucederia, mais formal, e por isso mesmo, creio, mais penetrante, uma idioletologia, cujos conceitos operacionais já não seriam o signo, o significante, o significado e a conotação, mas a citação, a referência, o estereótipo. (BARTHES, 1984, p. 79).

É, pois, essa avaliação que se propõe no presente dossiê, que contém análises ancoradas em releituras atuais de importantes teóricos, além da obra do próprio Barthes. Nos quase quarenta anos que se seguiram à morte do escritor, sua obra não deixou de dialogar com sucessivas gerações, tendo hoje maior destaque Eric Marty, Claude Coste, Andy Sttaford ou Tiphaine Samoyault e, no Brasil, além de Leyla Perrone-Moisés e Vera Casa Nova, Cláudia Amigo Pino e Laura Taddei Brandini. Muitos desses pesquisadores estão próximos ou participam do grupo de pesquisa **Escritor plural: estudos pluridisciplinares da obra de Roland Barthes**, liderado por Márcio Venício Barbosa. Esses trabalhos mais recentes nos permitem vislumbrar os diálogos da obra de Barthes com várias áreas do conhecimento. Obra essa que, ainda hoje, portanto, mantém, para além do seu sabor inigualável, algo do saber desejado por todo pesquisador que nela se debruça.

Neste volume, apresentaremos um leque variado de estudos sobre a obra barthesiana que, ao mesmo tempo em que convergem para discussões sobre as relações entre a linguagem e o poder, abrem-se também ao rumor que permeia essas relações. A multiplicidade de vozes captada pela escuta de Barthes é evidenciada pela variedade dos pontos de vista escolhidos-desejados pelos autores.

Dois artigos, inicialmente, debruçam-se sobre a linguagem barthesiana, ocupando-se de alguns de seus principais conceitos. *Uma ferida no coração do amor: a escrita no Diário de luto de Roland Barthes*, de pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, Priscila Pesce Lopes de Oliveira, Bárbara Costa Ribeiro e Cid Ottoni Bylaardt trata da escritura do luto em Barthes, articulando noções da psicanálise para refletir sobre o lugar do afeto em sua linguagem, matéria-prima da literatura. Essa reflexão centrada sobre a escritura barthesiana encontra em *Roland Barthes: caminhando contra os absolutos*, de Luiz Lopes, -do POSLING/Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais-, uma investigação sobre o conceito de neutro e seus

possíveis avatares nas obras de Clarice Lispector e Julián Fuks, proporcionando aos leitores sugestões de releituras da literatura brasileira, com as lentes de Barthes.

Um outro caminho de escuta da linguagem barthesiana se cruza com as obras de escritores estrangeiros, como Ítalo Calvino e Maria Gabriela Llansol. Em *Exercícios de aproximação: a experiência literária a partir de Roland Barthes e Maria Gabriela Llansol*, Janaina de Paula, da Universidade Federal de Ouro Preto, se propõe a cotejar as concepções de escritura dos dois escritores, fundamentada por reflexões de importantes pensadores da linguagem como Lacan, Blanchot, Deleuze, Derrida e o próprio Barthes. Noções flutuantes como a de estilo e de escrita literária, além das concepções de língua e linguagem balizam as comparações entre as escrituras de Barthes e Llansol, aproximando-as. Já entre Barthes e Calvino, em *Roland Barthes e Italo Calvino: leitores do Japão*, de Bruna Fontes Ferraz, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, o ponto de encontro é a cultura japonesa, tão importante para as obras de ambos os escritores. As aproximações entre suas compreensões do Japão e seu uso se justificam pela coincidência de ideias e abrem uma interessante perspectiva comparatista de estudos, fazendo com que os escritos de Barthes e Calvino dialoguem de forma fecunda. Ainda no âmbito das relações com o estrangeiro, *Autoridade e alteridade na China de Roland Barthes*, de Laura Taddei Brandini, da Universidade Estadual de Londrina, descreve as experiências do escritor na China de 1974, divididas entre a opressão causada pelo autoritarismo do regime de Mao Tse-Tung e a busca pela alteridade por parte do escritor, que tentava a todo custo estabelecer algum tipo de contato com os chineses.

O poder político também é discutido em artigos que privilegiam noções e conceitos barthesianos, como a oposição complementar entre “escritores” e “escreventes” e os conceitos de mito e de mitologia. Em *Escritores e escreventes: uma distinção política*, de Paulo Procópio Ferraz, -da Universidade de São Paulo-, é oferecida uma leitura do importante ensaio de Barthes, “Escritores e escreventes”, de 1964, indagando-se sobre a distinção entre a linguagem supostamente referencial, que veicula um conteúdo, e a linguagem literária, à luz da dimensão política que norteia os produtos de cada uma dessas modalidades de trabalho com a linguagem.

O artigo de Márcio Venício Barbosa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, *Entre o ‘cultural’ e o ‘natural’: Mitologias hoje*<sup>1</sup>, revisita a obra de sucesso de Barthes composta de crônicas-críticas que tematizam a sociedade francesa da década de 1950 com o objetivo de explicitar sua atualidade enquanto método de reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos.

---

<sup>1</sup> BARTHES, R. A mitologia hoje. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 76-80.

Pois diante do poder que se insinua na linguagem, há sempre o contra-poder que, também ele, é feito de linguagem, e que Barthes nomeia “literatura”, em sua *Aula*, de 1980.

Segue por essa mesma trilha o ensaio de Vera Casa Nova, da Universidade Federal de Minas Gerais, *As Mitologias resistem*, buscando exemplos no contexto brasileiro atual, fértil, da parte de governantes, em discursos ideológicos que reproduzem estereótipos com a finalidade de naturalizá-los. A autora, ao retomar as reflexões barthesianas das *Mitologias*, oferece aos leitores ferramentas para enxergar o discurso de poder que permeia a linguagem, a fim de criticá-lo.

Seguindo a Política Editorial deste Periódico Acadêmico, o leitor encontrará ainda outros seis artigos que, igualmente, atendem ao escopo da *Revista Letras Raras*. Portanto, nessa seção, o primeiro artigo, *O professor ecológico: a formação de professores de espanhol como um ato de resistência*, de dois pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas, Sergio Ifa e Jade Neves Moura de Araújo traz ponderações sobre um estudo realizado em um curso de formação de professores, tentando provocar reflexões sobre a formação como um espaço de (des)(re)construção de conhecimentos.

Na sequência, *Uma preta e periférica no poder: possíveis éthé e representações evocados por Áurea Carolina*, de autoria de Leila Marli de Lima Caeiro e Andrey Ricardo Azevedo, ambos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, analisa a partir da ótica da Análise do Discurso (AD) duas entrevistas concedidas por Áurea Carolina após ser eleita vereadora, com votação expressiva, por Belo Horizonte/MG em 2016, enfocando-se a sua fala enquanto mulher jovem, negra, de periferia, identificando-se nesses discursos “nova forma de fazer política”. Ainda na esteira da AD, o artigo *O dispositivo mídia como prática de objetivação do sujeito mulher empresária*, de duas pesquisadoras da Universidade Federal do Maranhão, Letícia Maciel do Vale e Ilza Galvão Cutrim, apresentam reflexões ancoradas em Foucault, sobre “os processos de construção da subjetividade, as formas de constituição do sujeito moderno, por meio de mecanismos de objetivação e de subjetivação, que tendem a tornar o homem dócil [...] preso a uma identidade atribuída como lhe pertencendo”. Ainda pensando na questão identitária, Maria Angélica Oliveira de Oliveira da Universidade Federal de Campina Grande e Aldenora Márcia Belo Pinheiro-Carvalho Universidade Federal do Maranhão retornam o nosso olhar para a literatura e trazem discussões em *Da identidade cultural ao sentimento de lugar no conto O rastro do teu sangue na neve, de García Márquez* que dão conta de uma análise das marcas da identidade cultural e do sentimento de não-pertencimento do sujeito desterritorializado a partir da protagonista do conto estudado.

Continuando nos caminhos da Literatura, Yasmin de Andrade Alves e Alyere Silva Farias, da Universidade Federal da Paraíba, trazem discussões sobre as representações do

comportamento do escravizador, considerando-o como normalização, além de analisar as formas como, nos contos estudados, a ordem natural da vida humana é posta em questão e pode desencadear uma crise do que seria o ser humano em **O caso da vara e Pai contra mãe: Entre a Normalização e crise da concepção do humano**. Concluindo esta seção de artigos atemático, Laila Pinto Vilela, Dagmar de Mello e Silva e Ruth Mariani, da Universidade Federal Fluminense nos trazem *Caminhos percorridos pela literatura infantil - uma revisão bibliográfica*, fazendo-nos um convite à reflexão sobre nossa atitude na atual conjuntura em que se vive, tendo na literatura, um dispositivo potencializador e sensibilizador de nossa capacidade de pensar sobre a vida em uma perspectiva ética.

Também dentro de nossa política Editoria, temos como último texto desta edição, na seção Criação Literária, uma antologia poética da ensaísta e poetisa Vera Lúcia de Oliveira Maccherani, professora de Literatura Brasileira na Universidade de Perugia, na Itália.

Também dentro de nossa política Editoria, temos como último texto desta edição, na seção Criação Literária, uma antologia poética da ensaísta e poetisa Vera Lúcia de Oliveira Maccherani, professora de Literatura Brasileira na Universidade de Perugia, na Itália.

Como o leitor pode observar, mesmo os artigos atemáticos, desta edição dão enfoque às reflexões propostas neste dossiê **Linguagem, rumor, poder**, organizado por Márcio Venício Barbosa (UFRN-Brasil), Laura Taddei Brandini (UEL-Brasil) e Claude Coste (Université Cergy-Pontoise-França), estimulando-se inquietações, promovendo encadeando de ponderações e, sobretudo, instigando o “saber com sabor”, do mestre Barthes.

Esperamos que, com este volume, os leitores sejam instigados não só a ler e/ ou a reler algumas obras de Barthes, mas sobretudo a repensar ideias, noções e conceitos à luz das relações de poder que rumorejam em toda linguagem. Habilidade essa cada vez mais essencial à sobrevivência das ideias no momento atual.

Prof. Dr. Márcio Venício Barbosa (Universidade Federal do Rio Grande do Norte-Brasil)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Taddei Brandini (Universidade Estadual de Londrina-Brasil)

Prof. Dr. Claude Coste (Université Cergy-Pontoise-França)

Organizadores do Dossiê: **Linguagem, rumor, poder**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josilene Pinheiro-Mariz (Universidade Federal de Campina Grande-Brasil)

Editora-chefe da *Revista Letras Raras/LELLC*